

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 217 — Domingo, 4 de Agosto de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

## A VISITA DO CHEFE DO ESTADO AOS AÇORES

QUEM haja acompanhado, pelas notícias dos jornais, a visita do Chefe do Estado às nossas ilhas dos Açores, sem dúvida que sendo português de alma e coração, se terá comovido — comovido com as manifestações desse povo, nosso irmão, lusitana como nós.

Notas ao correr da pena...

## LIVROS

Por NATÉLJA ALGARVE

NA terra onde resido, cidade alegre, cheia de gente e de vivacidade, há uma esplêndida biblioteca.

Num ponto dos mais centrais da cidade, ela está optimamente instalada.

Os livros foram, em grande parte, doados por um escritor algarvio, cuja elegância de artista é bem conhecida — Manuel Teixeira Gomes.

Mas é desoladora a manifesta indiferença e a ausência de leitores.

De dia, não a frequento, (CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DAS ANGIÚSTIAS EM AIAMONTE

Conforme nos anos anteriores, através de uma reportagem feita com alguns profissionais do volante, dar algumas sugestões para um problema que, dia a dia, vai tomando carácter mais confrangedor: o problema do trânsito.

As ruas de Vila Real de Santo António, paralelas e perpendiculares entre si, são autênticas ciladas para qualquer volante menos conhecedor dos perigos que oferecem.

Não se podem imputar aos volantes que circulam nas estradas a totalidade dos desastres nelas

Felizmente que, em qualquer dos senhorios de Portugal, na redondeza do Orbe, e por onde andou já de visita o ilustre General Craiveiro Lopes, sempre se verificou eloquentemente a fidelidade dos nossos irmãos dessas paragens à mãe comum de outros: — a pátria portuguesa. Entretanto, sem menoscabo dos outros portugueses de todos os demais domínios de Portugal, nesta viagem de visita aos Açores do nosso Chefe do Estado, há qualquer coisa que de modo particular nos entenece, ou seja, de modo geral, a simplicidade — virtude cristã e bem portuguesa — que nas manifestações desse povo é, tem sido, a nota dominante. Digna de nosso rasgado louvor foi a decisão de Cra-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## J. SANTOS MARQUES

José dos Santos Marques, moço talentoso e infatigável colaborador da imprensa regionalista e de alguns diários da Capital, já conhecido dos nossos leitores através das excelentes crónicas semanais publicadas no «Noticias do Algarve», regressou, há dias, de Madrid, aonde se deslocou com o especial propósito de recolher elementos de informação para duas conferências que, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, irá proferir, muito brevemente, na sede daquele prestigioso organismo, no Porto. Nesta sua viagem a Espanha, onde teve ensejo de visitar diversos estabelecimentos de vários graus de ensino e organizações de assistência social, José dos Santos Marques reuniu dados para uma série de arti-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A GENÉTICA

HA' muito que os homens verificaram que é certa a transmissão de caracteres dos progenitores às descendências. Até na nossa linguagem corrente usamos expressões que traduzem este facto: Filho de peixe sabe nadar... Tema quem sair...

Está na massa do sangue... E tantos outros adágios a mostrarem que a hereditariedade não nos passou despercebida!

A observação corrente diz-nos que esse legado hereditário é fatal, tão inevitável como a solicitação dos corpos pela força da gravidade. Aparentemente, nada se pode opor ao destino que a herança arrasta: quer pese como maldição, quer favoreça como nma bênção, afigura-se-nos que não há poderes que a possam repudiar ou tornar mais benigna. E contudo, não devemos esquecer que o génio humano já venceu a força da gravidade, que fugiu ao seu jugo — voando, e que hoje se viaja no ar muito mais facilmente, com mais rapidez e maior prazer que outrora, nos velhos chorriões, em caminhos poeirentos e esburcados. Se aquela foi dominada, não será possível que ainda se vença a hereditariedade e que, ao contrário do que dissemos, as suas

ANTÓNIO GAMARA

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



## EVOCANDO FIALHO

Por N. RODRIGUES PENA

O CENTENÁRIO do nascimento de Fialho não se revestiu, como aliás já se esperava, de grandes pompas e fastígio. As gazetas da terra, melhor ou pior, dedicaram algumas das suas páginas à sua figura e obra e, por obrigação ou fastio, a efemérides do

nascimento dum dos nossos melhores escritores e um dos mais vibrantes e humanos mestres do conto português, não conseguiu despertar o alvoroço nas turbas orientadas e votadas a outras paixões menores. Este país, que infundadamente goza da virtude de

acarinhado as manifestações do espirito e quase sempre se esquece dos seus filhos que o enriqueceram com o seu talento, ainda se encontra pouco educado para esses actos cívicos, esse dever que devia assistir a cada cidadão de exaltar os nomes dos que não viveram a vida inútilmente e deram à sua pátria o melhor das suas existências.

Fialho é uma personalidade demasiado irrequieta e contraditória para traçarmos com esquadro grotesco e tesoura romba o seu perfil; se há homem, escritor que não cabe nos espartilhos de que demar-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## FÉRIAS

## PRIMEIROS PASSOS

Pelo Prof. Trindade e Lima

ESTOU em férias. Sinto-me livre como um passarinho, que se prepara para tentar voar e librar na imensidade dos céus, trilando lá do alto as suas ilusões.

Mas aí de mim, tenho as asas cortadas e terêl de continuar a rolar por sobre a superfície terrestre estes enxundiosos noventa quilos. E' minguado o patinço que me cai no comedouro, o que não permite reservas, e mais minguado agora, que só corre o veio principal — o vencimento. Tudo o mais secou. As férias são assim, para nós professores primários, um deserto árido, impiedoso, sem sombra onde nos possamos acolher.

Mas eu não quero quebrar o meu optimismo — a graça divina que é o meu maior bem.

Escrevi um dia, algures, que a vida é uma coisa muito séria, que se deve levar a sério. Tinha acertado esta máxima com uma senhora que não senda já muito nova, era jovial, expansiva e que, ao depois, veio a sofrer o maior golpe que podia trespassar o seu coração amantíssimo

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## A Docca de Pesca DA NOSSA VILA

Dia a dia aumentam consideravelmente os trabalhos da nossa Docca de Pesca.

Na passada terça-feira, chegou a esta vila, a fim de tomar parte nos trabalhos da Docca, o rebocador «Adec III» da Companhia Portuguesa de Trabalhos Portuários.

## NOITE ANDALUZA

na Praça Marquês de Pombal

Organizada pelo Lusitano Futebol Clube e pelo Rádio Aiamonte, que sempre tem demonstrado pela nossa vila a mais profunda simpatia, terá lugar na noite de 11 do corrente uma magnífica festa a que foi dada o título de «Noite Andaluza».

Colaboram neste espectáculo, onde estará presente toda a graça e encanto de Espanha, cerca de 33 artistas amadores de Aiamonte, e que diversas vezes e com tanto agrado de todo o público têm actuado na Rádio e no Teatro.

O espectáculo terá como fundo a magnífica traça arquitectónica da Praça Marquês de Pombal, que foi gentilmente cedida para o efeito, pelas autoridades locais.

No final, haverá um elegante baile, pela orquestra privativa do conjunto.

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Em criança

Nunca fui peixeira. Não tive nunca aquilo que minha avó chamava o «bicho carpinteiro». As outras corriam e saltavam e gritavam, apareciam afogueadas depois da brincadeira exaustiva. Eu, não. Desde que tivesse um livro de histórias, o mundo podia desabar que me não faria nenhuma falta. Era capaz de estar duas horas debruçada para um carrinho de formigas, admirada com o esforço, a organização delas, e com uma pena terrível da sua estupidez. Pois não cruzavam elas a porção de pão onde continuamente cirandávamos? Milhares de sócias eram dizimadas todos os dias pelos nossos pés atabalhoados. Não pareciam ralar-se muito... O frizinho negro, umas para cá, outras para lá, não parava a roda viva, de dia e de noite.

Bem, «bicho carpinteiro» de nunca estar quieta foi o oposto da minha natureza. Mas recordo-me que fazia longas caminhadas por sítios desconhecidos até, em busca não sabia de quê. Chegando aonde houvesse um pedregulho que me servisse de banco, ou um regato dedilhando as pedras do seu caminho, ou uma sombra ou um trecho da paisagem apaziguadora, aí assentava arraias, aí me agradava estar até à consumação dos séculos.

### Disserteração à la minute

O que fomos em crianças, de bom ou de mau, eis o que não se perde nunca. A infância mar-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## A D. ENCRENCA

discorda...

SÓ agora o acaso colocou sob os nossos olhos a inflamada carta, publicada num colega da imprensa local, em que a sr.ª D. Encrenca, sob o cómodo anonimato de duas vagas iniciais — A. S. —, salta a terreiro na defesa do seu rico dinheirinho de contribuinte zeloso e incógnito, malbaratado, segundo se infere do seu desabafo, com a construção de uma Pousada em Cacela. E, depois de vários desatinos, de mistura com espirituosas transcrições da notícia, que demos em primeira mão (hoc opus, hic labor est, como diria o sr. prior Leiria, que Deus haja e que foi meu explicador de latim...), pede, por amor do bom senso, que se ponham as coisas como elas são.

Ora, aqui para nós, as coisas são como nós noticiámos: que os técnicos do SNI tinham escolhido o local onde está o forte de Cacela, para aí se edificar uma Pousada. A água doce a escorrer lascivamente e as línguas de areia mais parecendo braços de ninfa encantada, são «acesórios» da responsabilidade do redactor, justificados pelo natural entusiasmo dos seus vinte anos. E nada custam ao erário público, acentue-se! Portanto, embora isso azede o fígado à anónima D. Encrenca, nada há a pôr de forma diferente do que foi posto — exceptuadas as divagações poéticas. Que nisto de divagações — as poéticas são as mais inofensivas...

E muito embora a D. Encrenca seja um «tipo» nacional soberaneamente conhecido para que percamos tempo com ele, não resistimos à tentação de fazer-lhe uma confidência: os «carapetões», género 1.º de Abril, são fruta que não medra por estas bandas do «Noticias do Algarve»...

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)



## O PROBLEMA DO TRÂNSITO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COM a vinda dos veraneantes e turistas, aumentou ainda mais o trânsito nas ruas da nossa vila.

Há já dois anos, procurámos, através de uma reportagem feita com alguns profissionais do volante, dar algumas sugestões para um problema que, dia a dia, vai tomando carácter mais confrangedor: o problema do trânsito.

As ruas de Vila Real de Santo António, paralelas e perpendiculares entre si, são autênticas ciladas para qualquer volante menos conhecedor dos perigos que oferecem.

ocorridos. Vários jornalistas, porém, pretendem ver como causas desses acidentes a imperícia e a loucura de certos condutores. No entanto, convém assinalar que o nosso País é dos poucos onde os exames de condução automóvel são tão difíceis como complicados.

De cada um desses exames, sai um condutor completamente apto a resolver todos os problemas de trânsito que se lhe depara. Outros articulistas pretendem também apontar a causa desses desastres às velocidades loucas que muitos volantes avelhas (se é que existem) dão nas estradas. Para tal afirmação, vamos trans-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila, a passar a época balnear, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Armando Celorico Drago.

De Louain (Bélgica), onde obteve alta distincção nos seus estudos, regressou já a Lisboa, em gozo de férias, a sr.ª D. Maria Suzana César Gaspar de Almeida, sobrinha da sr.ª D. Conceição César Socorro e da nossa prezada assinante sr.ª D. Amélia César.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se a passar umas curtas férias em Caldas de Manteigas (serra da Estrela), vindo depois para Monte Gordo, o nosso ilustre conselheiro e amigo sr. Juiz Conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

A passar as férias na Praia de Monte Gordo, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Faustino do Nascimento, acompanhado de sua esposa e filhos.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante em Lisboa sr. Natércio dos Reis Faustino.

Encontra-se doente, com um forte ataque de reumatismo, o nosso prezado colaborador em Tavira sr. Manuel Alexandre dos Santos Junior, proprietário da Casa Brasil.

Esteve nesta vila, de visita a seus pais, avô e tia, tendo já regressado a Lisboa, o sr. Pedro Raposo Palma Rita.

Encontra-se quase restabelecido da sua demorada doença o nosso prezado assinante sr. Manuel Clemente, proprietário nas Hortas.

A passar a época balnear, encontra-se na Praia de Monte Gordo o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Afonso Gomes, distinto clínico em Castro Marim.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se em Monte Gordo, a passar a época calmosa, o nosso estimado amigo sr. António Moreira Parra, chefe da secretaria da Câmara Municipal de Castro Marim.

A passar a época balnear, encontra-se em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso prezado assinante sr. dr. Francisco Dias Cavaco, subdelegado de Saúde nesta vila.

Acompanhado de sua família, encontra-se na Praia de Monte Gordo o sr. Francisco da Fonseca Franco, residente em Castro Marim.

Encontra-se nas Caldas de Monchique, em tratamento de águas, o sr. António Costa Esteves, acompanhado de sua esposa.

Com seu esposo, encontra-se em Castro Marim a sr.ª D. Alda Maria Mimoso Paisca.

A passar as férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Pedro Rodrigues da Palma, acompanhado de sua esposa.

Com sua esposa, sr.ª D. Maria Luísa Augusta de Mattos, prof.ª efectiva do Liceu Nac. de Évora, e sua filha, encontra-se de férias nesta vila, em casa de seu sogro sr. Joaquim Augusto, o nosso prezado amigo sr. José Rodrigues de Mattos, assistente técnico de Rádio de Engenharia, residente em Évora.

Acompanhado de sua família, encontra-se a veranejar na Praia de Monte Gordo o nosso prezado assinante sr. Francisco M. Araújo Ribeiro, residente em Tavira.

Regressou a esta vila, depois de ter estado, com pouca demora, em Ponte de Sor, o nosso prezado amigo e assinante sr. Ricardo Lino Correia, gerente do Banco Nacional Ultramarino nesta vila.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado amigo e assinante sr. Gilberto Gomes Sares, que tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção.

Retirou para Londres, onde foi estudar e aperfeiçoar-se no idioma inglês, a menina Maria de Fátima Glória Ramalho, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. José Ramalho.

Acompanhado de sua esposa, regressou da Tunísia, onde esteve a dirigir a fábrica de «Lés Madragues Tunisienses» na preparação de conservas de atum em azeite, o nosso prezado assinante sr. João Félix da Silva.

De visita a seus pais, encon-

Uma crónica por semana

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
e o mesmo possa ser defendido em bases seguras.

Cada biblioteca deve ter, pelo menos, três ficheiros: por autores, por títulos das obras e por assuntos. Só desse modo poderá cumprir com eficiência o fim para que foi criada. E diremos até mais: cada biblioteca deverá ter incluído nesses três ficheiros todos os trabalhos de merecimento publicados nas revistas, jornais e outras publicações análogas que fazem parte do seu recheio permanente.

Surge depois a Victor de Sá, como autor do Inquérito e a todos os leitores, como usuários das bibliotecas, o problema dos horários. A Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a pensar: muitas outras, provavelmente — não está aberta de noite!

Se a biblioteca apenas está aberta de dia é óbvio que a esmagadora maioria dos operários, dos empregados e das várias outras camadas sociais as não pode consultar e que qualquer comerciante ou industrial o poderá fazer apenas com prejuizo para a sua vida profissional.

Se as tabernas estão abertas de dia e de noite, porque não hão-de as bibliotecas ter horário semelhante? Se o vinho dá de comer a um milhão de portugueses, as bibliotecas poderão dar saber e cultura a todos eles.

Verificou também Victor de Sá que a maior procura na Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a estar certos de que em qualquer outra o facto se repete — foi dos periódicos infantis. E triste verificá-lo, não só porque a preferência vai desde a juventude à adolescência, como principalmente porque, a despeito de uma

REMODELAÇÃO DE ENERGIA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E ELECTRIFICAÇÃO DE VILA NOVA DE CACELA

Em sessão da Câmara Municipal, de 29 de Julho, foi resolvido contrair um empréstimo de 4.000.000\$00 para a remodelação da energia eléctrica da nossa vila e electrificação de Vila Nova de Cacela.

Oxalá seja coroada de bom êxito esta resolução, principalmente para a freguesia de Vila Nova de Cacela, melhoramento que, desde há longos anos, é desejado pelos seus habitantes.

CASINO «OCEANO» Praia de Monte Gordo

Já está actuando a sua orquestra privativa, o extraordinário «Conjunto Jorge Brandão», um dos melhores do país.

Abertura em 10 de Agosto, dos seus espectáculos de variedades, com a estreia da categorizada artista Maria de Lourdes Resende, a rainha da Rádio, e mais dois artistas, num grande espectáculo.

NOVO CHEFE DA SECRETARIA JUDICIAL

Na passada sexta-feira, dia 2 do corrente, tomou posse do cargo de chefe da Secretaria Judicial desta comarca o sr. António Figueiras da Cruz, que exercia as funções de escrivão do Juiz de Direito.

A posse foi dada pelo sr. dr. José Xavier da Silva Cavaco, substituto do Juiz de Direito. Assistiram ao acto diversas entidades, entre elas o sr. dr. João Domingues Medeiros, substituto do Delegado do Procurador da República, sr. Figueiredo, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Tavira, sr. José Victor Adragão, presidente da Câmara Municipal desta vila, sr. Manuel F. Ribeiro Alves, regedor da Freguesia, e sr. José Viegas Santos, chefe da P. S. P. desta vila.

Ao sr. António Figueiras da Cruz desejamos as maiores felicidades no desempenho do seu novo cargo.

tram-se nesta vila, acompanhados de suas filhinhas, as sr.ªs D. Maria Teresa Correia Ribeiro Alves Lemos Pinto e sua irmã, D. Fernanda Correia Ribeiro Alves Lemos Pinto, filhas do nosso prezado assinante sr. Manuel F. Ribeiro Alves.

censura existente, estas publicações são mais condenáveis do que aceitáveis.

Conviria que a mocidade fosse induzida na procura de leituras que a instruissem e cultivassem e não seria difícil criar em cada biblioteca um departamento destinado a esse fim, nomeando alguém competente que aconselhasse os jovens e as crianças quanto às boas e fecundas leituras. Se tal ponto de vista fosse adoptado não teríamos que recear por em confronto a cultura dos portugueses com a de quaisquer outros povos mais evoluídos.

Temos ainda um reparo a fazer: que o director de uma biblioteca se escuse a prestar, pronta e espontaneamente, declarações para um inquérito, que foi reconhecido de utilidade pública através do apoio dado, não só pelo órgão da Comissão da União Nacional, como ainda pelo ilustre presidente da Câmara Municipal, sem falar já das outras altas personalidades que, mais compreensivas, lhe deram todo o apoio e colaboração.

Não vemos em que possa um simples director de biblioteca ter interesse em esquivar-se a responder a perguntas de interesse público, que poderiam favorecer o próprio estabelecimento que dirige. Ante, talvez, pelo contrário, encontrasse nesse facto uma oportunidade para chamar a atenção do público para os problemas que, porventura, o possam afligir. O livro de Victor de Sá publica ainda o título das obras requisitadas num dia de maior movimento. Seria curioso citá-los, mas tornar-se-ia fastidioso e ocuparia muito espaço. Aconselhamos, todavia, uma consulta ao volume porque uma meditação sobre o assunto será de grande proveito.

Seguiram para Portimão os filia-dos que fazem parte do Centro de Remo da nossa vila, que ali irão disputar uma eliminatória, juntamente com os Centros daquela cidade e de Lisboa. O vencedor irá disputar, depois, uma final na Figueira da Foz. Aos nossos conterrâneos desejamos óptima classificação.

Centro de Assistência Social em Vila Real Sto. António E MONTE GORDO

Seguiram para Portimão os filia-dos que fazem parte do Centro de Remo da nossa vila, que ali irão disputar uma eliminatória, juntamente com os Centros daquela cidade e de Lisboa.

O vencedor irá disputar, depois, uma final na Figueira da Foz. Aos nossos conterrâneos desejamos óptima classificação.

VENDE-SE

Um aspirador e encerador eléctrico com varios acessórios de limpeza

Um aquecedor com três resistências tudo em estado de novo

Quem pretender dirija-se a ANTONIO CORREIA MONGHIQUE

Consulado de Espanha Vila Real de Santo António

VAI CASAR UMA SUA AMIGA? NÃO SABE O QUE LHE OFERECER? VISITE A MERCEARIA NOVA

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO onde encontrará os mais bonitos brindes em VIDROS E LOUÇAS das melhores qualidades, não pagando luxo. Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ca com ferro em brasa toda a nossa vida. A criança não é o homem ou a mulher em miniatura, não é o embrião do adulto. Sei isso. E' um ser com o seu mundo à parte, com os seus problemas só dela, com a sua linguagem, o seu código, seu padrão de valores. Sucede muitas vezes que o adulto se lembra de si próprio criança como se de outra pessoa se tratasse que tivesse morrido há muito tempo — mas cuja mão continuasse a pesar na sua consciência. Eu, ao invés, tenho a impressão de que, à força de não ter sido criança, o não deixarei jamais de ser. A força de a menina em mim não se ter cumprido integralmente dentro do quadro próprio, continuamente agora busca realizar-se e levar-me para o seu campo.

O camião

Pronto. Agora vou contar-lhes o que me sucedeu ontem, sem mais preâmbulos. Fui à praia e alonguei-me de uma bom pedaço. Olhem, fui andando... Duas horas, talvez. E à pressa, como se fosse a salvar o pai da forca. Há pessoas que enquanto marcham são capazes de pensar e de criar. Queria Junqueiro fazia aos quatrocentos versos de cada vez, em cada um dos seus passelos por Freixo de Espada à Cinta. Pois eu não. Não resolvo um único verso, um único pensamento. No entanto, preciso de andar, de ver, de saber, de lançar as redes que só muito mais tarde venho a abrir. Pois quando del por mim estava a milhas. A estrada branca, as lombas infundáveis de areia, a vegetação escassa com seu verde de burel... Voltei para trás. O sol, escaldante e incómodo, verdadeiro sinapismo. Eu sem chapéu, só com um livro escarranchado na cabeça. E ainda por cima o camião atroador que me repele para a berma, a poeirada apanhame na rede de malhas estreitíssimas. Tapo o nariz. Vejo depois que o camião parou uns metros adiante. Uma cara barbuda sai da cabina. Parece hesitante.

— Bons dias, minha senhora. — Bons dias. — O sol está de todo. — E' o tempo dele... — Se a senhora quiser eu le-

OS TALHOS em Vila Real de Sto. António

vão ter descanso às segundas-feiras

Pela Câmara Municipal, foi deliberado, por pedido dos marchantes, o descanso às segundas-feiras, estando pendente das entidades superiores esta deliberação, satisfazendo assim o desejo de há muito solicitado.

FALECIMENTO D. Gertrudes do Carmo Leal

Na passada segunda-feira, faleceu, em Olhão, onde residia, a sr.ª D. Gertrudes do Carmo Leal, viúva, de 75 anos de idade, proprietária, natural daquela vila. A extinta era mãe do sr. Manuel Leal, solteiro, e do conceituado industrial e comerciante, nosso prezado amigo e assinante em Olhão, sr. José Leal Júnior, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Leal. Era, também, avó das meninas Maria Madalena, Maria José e Margarida Augusta Leal.

O funeral realizou-se no dia seguinte, com numeroso acompanhamento de pessoas de todas as condições sociais, para o cemitério daquela vila.

A toda a família enlutada, e em especial ao nosso estimado amigo sr. José Leal Júnior, o «Notícias do Algarve» apresenta cumprimentos de sentidos pésames.

vo-a. Daqui a lá é longe e não tem sombras. Heim? Balbucio palavras ininteligíveis. Assaltam-me pensamentos obscuros, medos, temores que não são tão inexplicáveis como pensava. E depois, a diávida de não saber como recusar sem magoá-lo... Ele, de relance, pareceu ler o meu pensamento, os homens sao mais inteligentes do que as mulheres supõem. Abriu a portinhola e exclamou de alto:

— Chega-te para cá, Janico, deixa esta senhora sentar-se. Espreito, receosa. Janico é um menino de cinco anos, vestido com um fato de ganga. Tem dois olhos como duas lanternas. Resolvo-me a entrar. Sento-me. O camião atira-se para a frente, parece que nada vai ser capaz de quebrar a sua declsão... converso com o Janico, reparto com ele a minha ração de drops. E quando já começam a aparecer as primeiras casas toscas da povoação, o camião afrouxa a correria, estaca.

— Pronto, aqui já a senhora tem umas sombras. Não foi melhor assim? Estendo-lhe a mão. Beijo o menino, todo lambuzado e feliz. Saio. O menino debruça-se na portinhola... O camião perde-se dentro de um novelo de pó.

Mais que visto

Está mais que visto (como dizia o pequeno Artur, do primeiro ano) está mais que visto que uma guerra não daria lucro a ninguém. Como ninguém se mete nessas andanças sem a ideia do maior lucro é de crer que o fantasma da guerra não habite, por muito tempo, o mundo dos homens. A verdade, no entanto, é que há pessoas que sofrem a nostalgia da guerra. Aparecem em suas crónicas tétricas com previsões escabrosas. A guerra futura será assim e assado; a guerra futura mostrará que... a guerra futura isto e aquilo.

Não se deve tomar a nuvem por Juno, confundir o desejo com a realidade. Guerra futura coisa nenhuma, como dizem os brasileiros. O medo e o ódio à guerra está já tão fortemente enraizado nas pessoas simples que ela é, verdadeiramente, uma ocupação sem futuro.

Maria Manuela Nunes

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António

De 27 de Julho a 2 de Agosto: TRANEIRAS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Lenita (69.142\$00), Aldita (50.610\$00), Audaz (42.930\$00), Flor do Guadiana (35.250\$00), Tozé (29.340\$00), Triunfante (25.300\$00), Janita (23.870\$00), Maria Rosa (22.180\$00), Agadão (18.440\$00), Rajada (14.660\$00), Sul (11.100\$00), Brisa (10.680\$00), Infante (9.390\$00), Conceiçanita (8.650\$00), Flor do Sul (8.410\$00), Raulito (8.250\$00), Malaca (4.410\$00), Liberta (4.390\$00), Levante (4.130\$00), Norte (4.110\$00), Pinguim (2.600\$00). Total: 407.842\$00

CERCOS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Novo Machado (13.720\$00), Lívio (3.110\$00). Total: 16.830\$00

Atum da Costa Algarvia

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes 400 Atuns (340.983\$40), 109 Atuarros (52.033\$40), 25 Albacoras (8.283\$40), 2 Cachorretas (403\$30). Total: 401.703\$50

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 27 de Julho a 2 de Agosto:

Entradas:

- TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. ZUIDERZEE, Holandês, de 498 ton., de Nantes, com folha de flandres. MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio. RIA DE ARES, Espanhol, de 2 026 ton., de Ferrol, vazio.

Saídas:

- TERCEIRENSE, Português, para os Açores, com sal. ZE' MANEL, Português, para Lisboa, com minério. ZUIDERZEE, Holandês, para Casablanca, vazio. MIRA TERRA, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 3 a 9 de Agosto, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

Simple ou... com água Peça em toda a parte... AGUARDENTE VELHA KOPKE 1638 Prefira a melhor... Prefira Kopke

CRAVADEIRA «SUDRY» B. C. 7 USADA, EM BOM ESTADO VENDEM ILIDIO PANINHO, L.ª SETÚBAL

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# A GENÉTICA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

determinações não sejam irresistíveis, possam ser modificadas, atenuadas ou ampliadas, pela vontade dos homens.

Realmente, a humanidade tem conseguido compensar, senão em parte considerável, pelo menos em parcela prometedora, os efeitos desgraçados duma má hereditariedade.

Um filho de criminosos, se for bem educado, se viver em meio conveniente, se só sentir à sua volta, enquanto o carácter se forma, bons exemplos, vida exemplar, poderá converter-se em um cidadão tão bom, tão honrado, tão modelar, como qualquer outro que pertencesse a uma boa estirpe. Uma criança débil, produto de pais doentes e enfraquecidos, pode tornar-se um ser robusto, desde que o ambiente seja propício. E o mesmo se diria para muitos outros casos.

Conhecem-se tantos exemplos de aleijões e insuficiências que se curam, que é natural ficar-se com a esperança de que a ciência, em seus progressos, possa algum dia subjugar todas as más tendências hereditárias.

E' justo que se tenha essa esperança, mas esse dia, se alguma vez tem de chegar, apresenta-se ainda tão distante, que é preferível não acalentar ilusões e ver as coisas como elas são na realidade presente.

Por agora, por muito que se faça para criar condições favoráveis a todos os indivíduos — e decerto todos ambicionam que essa intervenção seja cada vez maior, mais oportuna e mais eficaz, — proporcionando-se meio próprio ao desenvolvimento moral, físico e intelectual, temos de nos convencer que continuarão a existir bons e maus, fortes e fracos, inteligentes e estúpidos.

A hereditariedade não é um mito, não resulta da fantasia deste ou daquele, mas duma realidade, duma magnífica ou terrível realidade; magnífica, se as qualidades dos pais se transmitem integralmente aos filhos, garantindo a continuidade do bom carácter, da saúde, do vigor ou da inteligência; terrível, se uma

tara, um defeito moral ou físico, uma desgraça, enfim, vai atingir as descendências.

Sucede, contudo, que a hereditariedade se apresenta, por vezes, com tantos enigmas, havendo filhos que divergem sem razão aparente dos pais, que ficamos perplexos, supondo que é sujeita a numerosas excepções.

Ocasionalmente, é tão flagrante a irregularidade que chegamos a pensar que os filhos podem libertar-se dessa sujeição hereditária.

De pais medíocres, sem qualidades conhecidas, sai às vezes um artista, um literato, um génio. Das famílias mais humildes, de estirpes onde nunca se conheceram senão vulgaridades, podem aparecer criaturas admiráveis, de inteligência brilhante, que mais tarde se tornem valores destacados da sociedade.

Também se dá o inverso. Pais de magníficas qualidades, intelectuais e de carácter, não têm senão filhos inferiores ou mesmo maus, de cabeças e corações ruins, sem nada que os recomende. Um santo varão, apontado como modelo de virtudes, pode ter o desgosto de ver entre a sua prole gente com os piores instintos.

Como é que de tais árvores podem sair tais rebentos? Como é que muitos valores físicos, morais e intelectuais, em lugar de se perpetuarem com segurança de pais a filhos, degeneram e se submetem a caprichos ignorados na natureza? Como é que em famílias onde esses valores são a regra, surgem indivíduos que os não têm? Como é que pobres e miseráveis casais, sem coisa alguma que os destaque, geram filhos que são o orgulho da humanidade?

Por que motivo, nuns casos, se mantêm a transmissão de caracteres e noutros não?

Justamente — porque a hereditariedade assim o determina! Mas querer compreender as razões disso é o mesmo que procurar conhecer a ciência da hereditariedade — a genética.

António Câmara

Notas ao correr da pena...

# LIVROS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

por não me ser possível, mas, de noite, vou por lá às vezes ler algum livro para mim ainda desconhecido.

Portanto, dos leitores da noite, falo com conhecimento de causa.

Sómente aparece por lá um número tão diminuto, que nem me atrevo a indicá-lo.

E' deprimente para uma cidade moderna ter a sua vida intelectual tão abandonada.

E o tempo bem dividido chega para tanto, meu Deus! Mas onde se metem tantos habitantes que há nesta povoada cidade? Noutros lugares de diversão que mais são do seu agrado.

Faz pena que o desenvolvimento cultural não acompanhe o progresso...

E também faz pena esquecer que os bons livros são os nossos melhores amigos...

E a propósito de leitura e de livros: recebi há tempos a oferta de um livro feita pelo autor — A. Vicente Campinas.

E' um livro que se lê com agrado, leve na sua essência, panoramas de uma cidade algarvia — Faro.

Longe de mim a ideia de ir fazer uma crítica ao livro; não me julgo competente para tal, nem é esse o meu género.

Em primeiro lugar, quero agradecer a A. Vicente Campinas a gentileza da oferta.

Em segundo lugar, quero frisar que, felizmente, ainda há quem, nesta época em que predominam outros divertimentos, se dedique com entusiasmo e boa vontade a escrever. Presentemente, é tarefa ingrata.

Uma grande parte da gente, que gasta dinheiro em tanta frivolidade, para um livro não tem verba disponível, e daí resulta a falta de venda dos livros que se publicam.

Mas quem nasceu para lançar ao papel as suas impressões — das mais várias até — sente um prazer que lhe dá benéfica e salutar satisfação.

Desligamo-nos do mundo, da massa humana, para

sómente se viver no nosso mundo real ou de fantasia...

Fora as horas do nosso trabalho a pena espera-nos saudosamente.

Depois, tudo esquece, e só existe a ansia de saber escrever sempre mais e melhor.

Portanto, Vicente Campinas, felicitações e votos de ventura para o futuro no grandioso mundo das Letras!

Divagando pela História, vamos nela surpreender períodos de renascimento e decadência, épocas em que floresce o espírito e outras em que predomina a matéria.

São, por assim dizer, passagens transitórias da vida, com reflexos imprevistos, palpitações novas, inquietações modernas, tanta cópia servil do que vem lá de fora...

A nossa ancestralidade, porém, não se modifica nem se abastarda de todo, vive, renova-se, reflecte-se nos pequeninos detalhes da nossa alma — chama bendita que o tempo não consegue apagar!

De Sagres ao Guadiana, de Silves a Tavira, uma legião de valores espirituais se firmaram para sempre no solo algarvio: Infante D. Henrique, João de Deus, D. Francisco Gomes de Avelar, Patrão Joaquim Lopes, Estácio da Veiga, João Lúcio, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Manuel Penteado, Manuel Teixeira Gomes, Duarte Pacheco, José Joaquim Nunes e outros.

Falei dos mortos, sem intenção de ofender os vivos, pois eles aí estão à flor da terra, traçando ainda os seus destinos e as suas latentes virtudes.

Outras gerações virão depois, com mais ou menos vitalidade, continuar esta caminhada para o Portugal de todos nós!

Natércia Algarve

# A VISITA

## DO CHEFE DO ESTADO AOS AÇORES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

veiro Lopes — que está bem no sentir desse grande Soldado e óptimo patriota — em não deixar um só cantinho daquele arquipélago por visitar, ainda que por breves momentos. Craveiro Lopes sente no seu espinhoso cargo, o de Chefe Supremo da Nação, aquilo que é próprio do mesmo: sendo grande como Chefe do Estado, patentear-se pequeno como os mais pequenos, para a todos — e à arraia miúda, como outrora se dizia — se chegar com a paternidade do seu coração, em nome da Nação que representa, e que é mãe. Louvores ao nosso Craveiro Lopes!

E por certo que assim é que o povo dos Açores, numas ilhas mais humilde de condições do que noutras — humilde por condições várias das ilhas — abriu às escâncaras o seu coração e o manifestou tal qual é, puro e nobre e lusiada, nas suas manifestações de alegria por terem consigo, por

### Carreira de Autocarros

entre Vila Real e Monte Gordo

Foi alterado o horário das carreiras directas entre Vila Real e Monte Gordo.

A Empresa Rodoviária no desejo de bem servir o público que frequenta a Praia de Monte Gordo, fez algumas alterações no presente horário:

Partidas de Vila Real — 8,20, 9,00, 10,00, 10,50 (\*), 11,00 (\*), 12,15, 13,15, 18,15, 19,15, 21,30, 22,30 (\*) e 1,00 (\*).

Partidas de Monte Gordo — 8,55, 9,15, 10,30, 12,45, 13,20 (\*), 13,45, 14,00 (\*), 18,30 (\*), 18,45, 19,30 (\*), 20,00 (\*), 20,30, 22,00 (\*), 00,00 (\*), e 2,15 (\*).

(\*) — Estas são efectuadas nos dias 4, 11, 18 e 25 do corrente mês de Agosto.

(\*) — Só se efectuam às quintas-feiras, sábados e domingos de 10 de Agosto a 20 de Setembro.

Enviada MARIA DA ENCARNAÇÃO com motor VOLUND de 80 H. P. VENDE-SE por motivo de partilhas. Tratar com: LUCIANO CATIVO — OLHAO

# PRIMEIROS PASSOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de mãe: a morte, por desastre do seu único filho.

Desafiam os robles as tempestades e são cinza quando o raio os fulmina.

Estou em férias e breve irei lá abaixo conduzindo os meus passos como aos peregrinos os conduz a sua devoção — irei visitar minha Mãe, que leva um ano inteiro a pedir a Deus por este dia.

Vila Real e Monte Gordo serão o meu ódis por uns tempos.

Para principiar os meus passos na ronda da mandrince, resolvi ir à Feira Popular. Imaginem que sendo seu quase viadinho a não visitet o ano passado e é quase certo que lá não voltarei este ano. E a Feira tem um fim simpático: distrai e auxilia quem precisa.

Obra de «O Século», tem ajudado a manter essa coisa admirável que é a sua Colónia Infantil — mão dadivosa espalhando o bem num melo apático e egoísta como é o nosso. Erguendo-se este ano pela mão do senhor Governador Civil de Lisboa é ainda a fins beneficentes que se destina.

Pois corri a Feira e notei que os seus maiores centros de diversão são as casas de pasto e os botequins, onde o estômago se engorgita e se coloca acima de tudo, como símbolo real da vida que levamos. Mas, numa rua mais estreita, encontrei al-

guma coisa com mais larga visão — um pequeno mostruário de bordados, feitos pelas ceguinhas do Lar de Nossa Senhora dos Anjos, anexo ao Asilo de Marvila. Próximo da oficina onde trabalho, desconhecia a sua existência.

Para as obras de mérito real não soam as tubas clangorosas da fama. Essas são todas para a Volta a Portugal em bicicleta.

Não sou perito em bordados mas oul louvá-los a senhoras que os apreciavam.

Eu bem disse aqui que os cegos não são inúteis. Eduquem-nos, abram-lhes caminhos e eles caminharão por si.

Vou fechar estes primeiros passos em férias. E porque escrevo num jornal do império português do atum, aqui lhes ofereço uma anedota verídica que não deixa de ter seu sabor:

— A senhora professora manda que os seus alunos façam uma redacção sobre o cavalo. Um deles, depois de ter feito o panegírico do inteligente animal, remata desta forma: — Depois de morto a sua carne é muito boa e chama-se atum.

Trindade e Lima

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.



Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com QUEIMAX, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

breves horas ou mesmo minutos, o Supremo Chefe da Nação e, na sua pessoa, a mesma Nação, donde procederam. Verdaderamente enternecedor o que acabamos de lembrar aos que, como nós, o hajam acompanhado, pelos jornais, a visita do Chefe do Estado aos Açores.

Não tão pormenorizada como a destes últimos oito dias, já os açorianos tiveram a visita oficial do Chefe do Estado, ou seja da Metrópole na pessoa do falecido Marechal Carmona. Eles, então, como agora, se terão lembrado do quase desprezo ou abandono de há mais de 31 anos, quando na metrópole a desordem política não dava tempo aos governantes de se deslocarem do Terreiro do Paço, todos os dias incertos quanto ao dia seguinte, ou seja se o despotismo do Parlamento os queria manter no Poder ou derrubá-los dele. Dominava a política partidária, e, consoante os caprichos desta, assim os Governos, e o Chefe do Estado, ou se mantinham (e só escassas semanas), ou... um dia subiam ao Poder, e ao outro estavam em terra... Destarte, com Governos escravos dos caprichos dos partidos, ou de partido dominante no Parlamento, e com um Chefe do Estado escravo também das reviravoltas dos partidos, como queriam as nossas ilhas adjacentes, e as nossas possessões ultramarinas, como queriam que a metrópole as acarinhasse, ou as tivessem como sendo — e na verdade o são — uma família só com a mãe-pátria? Isto é recordar; mas, se recordar é viver, é também colher do passado a lição que nos dá: — devemos a Salazar, e aquela expressão dele, uma família só, a unificação da metrópole com todos os seus senhores, e vice-versa; e devemos presentemente a Craveiro Lopes — em boa hora escolhido por Salazar e em boa hora eleito nosso Supremo Chefe — a consolidação patente, elequente, retumbante neste mundo de ódios e divisões insanáveis, da unificação ideada e profetizada pelo génio do nosso Restaurador. Quando foi à Restauração de 1640, restaurou-se a integridade de Portugal, ou seja que voltou ao domínio dos seus verdadeiros Soberanos; com Salazar, a nossa Restauração foi integrar-nos nas tradições lusiadas e assim, reatar o fio da nossa História, e a unidade lusiada e cristã da família portuguesa. Os nossos irmãos dos Açores, portugueses de lei, desde sempre, sentem hoje, concretamente, que a metrópole os tem como seus filhos, e que o carinho dela a eles chega também. As manifestações tão sinceras, e naquele teor de portuguesismo espontâneo, tal qual dita o coração, assim o provam, e provam-no, enternecendo o nosso coração.

A. da P.

PRECISAM-SE

Costureiras e Aprendizaz

DIRIGIR A:

D. Julieta Castanheira

Rua Jacinto José de Andrade

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Não suportamos o psitacismo, nem à mão de Deus Padre. O psitacismo é o saber feito só de palavras desarticuladas da realidade flagrante, o saber igual à riqueza que fosse constituída por cheques sem cobertura.

Mas não significa isso que digamos das palavras o que Ma-foma disse do toucinho. Lá isso não. As palavras também têm seu valor. Não sei agora que filósofo (talvez Hamilton) lhes chamou «a fortaleza do pensamento». Importa que tomemos contacto directo, bem real e em carne e osso com as coisas, mas importa, outrossim, que, depois, não nos falem palavras para exprimir a nossa intimidade com as coisas.

E' muito triste querermos dizer «amor» e não nos chegar a língua. Excelente é que se tenha largo convívio com a natureza, com os homens, tratando o mundo concreto em regime de tu cá, tu lá. Mas não é menos excelente que o espírito, através da linguagem, não gagueje, depois, a dar expressão oral ou escrita daquilo que se observou ou experimentou.

«C'est en forgeant qu'on devient forgeron». Por analogia, diremos: é falando e escrevendo que se aprende a falar e a escrever.

Não basta ser rico de ideias, colhidas na experiência. É essencial pôr ao serviço dessas ideias uma fácil expressão oral ou escrita. Ideias há que transmitem-se aos outros, e para tanto há que ter veículo de expressão.

CONVERSA ANTIGA E

CONVERSA DE AGORA

Houve um tempo (foi isto no tempo da outra senhora...) em que os eruditos (!) diziam ter aprendido na conversa, com o seu semelhante, mundos e fundos: de cada dez coisas que eles sabiam, nove tinham-nas aprendido na conversação.

Realmente, isso foi há tanto tempo, que a gente já não se lembra. Agora, a conversa é tão fiada, tão óca, tão periférica, tão futebolística, os conversadores têm vazios interpenetratórios tão grandes no cérebro, que uma pessoa espreme e torna a espremer as conversas que ouve, e, no fim e ao cabo, encontra-se com o sumo dum limão seco ou dum seixo bicudo.

PAIS DA PÁTRIA

Pais da pátria todos nós o somos, na medida em que a criamos com o impecável exercício da nossa profissão, com o prestígio da nossa cultura, com os benefícios da nossa actividade industrial, com a elaboração das nossas obras de arte, com o trabalho das nossas investigações científicas, com a nossa beneficência aos deserdados da fortuna. Padrastrós dessa mesma pátria o seremos, na medida em que descurarmos a nossa perfeição pessoal. A pátria é soma — e a soma é aritmética — e socialmente, da natureza das parcelas. Ótima será a soma, se as parcelas forem óptimas. Péssima será, se as parcelas também o forem.

A pátria não é nenhuma entidade metafísica. É o que nós formos. Varra cada uma a sua testada e a rua ficará varrida. Cumpra cada qual os seus deveres de homem, de cidadão, de profissional, e a pátria ficará... subida. A pátria sobe, se nós subimos. Desce, se nós descemos. Corre as vicissitudes dos que a constituem.

Não se diga que o nosso pessoal esforço de perfeição é ingloria gota de água caída no oceano. Não é. De gotas de água se faz o oceano. De gotas de perfeição individual se faz a Perfeição colectiva.

Somos filhos da nossa pátria — por muito devermos. Mas também podemos ser seus pais, criando-a melhor e maior com o nosso amor.

CLASSICISMO

O classicismo não implica, necessariamente, ausência de paixão. Não. O que ela é, em muitos casos, é método no delírio, continência na selvajaria das emoções, fuga sistemática à descabelada afectividade.

Clube Náutico de Portugal

Informamos os nossos prezados leitores, sócios deste simpático clube da nossa terra, que já se encontra aberta a inscrição para remadores do escalor que irá para orio, se as inscrições justificarem elevados número de adeptos do remo, será posto a flutuar o outro escalor.



CRONICAS  
IRREQUIETAS

XIII

Dentro em breve, a equipa de reportagem das Crónicas deslocar-se, em dias alternados, ao Casino Oceano, a fim de dar o relato integral do ambiente.

Para a reportagem ser mais completa, já providenciámos para que colaborem connosco algumas das mais afamadas linguistas de prata cá da vila.

Poesia Infra-Moderna

Perguntas: Quem é a menina bem, que muitos saíotes tem, e beleza no andar?

Resposta: É jovem e muito bonita. Dizem chamar-se... E ser nobre, titular!

Teus olhos cor do mar. Fazem-me a vida angustiada, Quando à praia vou nadar. Tu não me olhas, não dizes nada...

Quando eu quis Tu Não voltaste. Hoje tu queres Eu não; Nada já nos farta, Olha... Vai pró raio que te... leve.

Máxima  
Se num ano todos os homens pensassem em casar, durante anos o celibato seria muito maior.

E é ali naquele bazar da rua dos Anjos que eles se encontram. (Que romântico!)

Para algumas nossas leitoras, muito dadas aos desportos marinhos, informamos que o navio suíço «Laupen» chega dia 14.

...e ainda há quem vá ao cinema ver fitas do Tarzan, depois de ver as fitas da Tarzan?

O tal rapaz que nós dissemos que se estava tornando num D. Juan atrevido, já no domingo fez mais uma das suas habilidades. Esta foi ouvida por nós. Dizia uma rapariga com quem ele tomava banho:

Torneio de Tiro aos Pombos EM CASTRO MARIM

Com grande assistência, realizou-se no passado dia 28 de Julho um Torneio particular de Tiro aos Pombos, em Castro Marim. O torneio foi organizado pelos srs. Joaquim Rosa Rodrigues e António Afonso.

Tomaram parte os atiradores srs. Joaquim Rosa Rodrigues, António Afonso, Manuel de Brito, Filipe Custódio Teixeira, José Rosa Rodrigues, José Pacheco Dias e Joaquim Vicente Teixeira.

Foram classificados os srs. Joaquim Vicente Teixeira, com o primeiro prémio e José Rosa Rodrigues com o segundo.

À noite, em honra dos atiradores houve um animado baile que se prolongou por muitas horas.

Imprevidências indesculpáveis e muitas delas graves

UM simples descuido pode originar males gravíssimos e até tirar a vida a qualquer pessoa. Mas quando o descuido é sistemático, toma então foros de desleixo, que a sociedade deve corrigir.

O mero descuido pode ser obra de um acaso infeliz, mas o desleixo é filho da rotina, da preguiça ou da cruel indiferença pelo bem dos nossos semelhantes.

COMO se deve classificar o proprietário que manda abrir um poço e que o não manda tapar convenientemente, evitando assim que o transeunte incauto encontre nele a ratoeira que o inutilizará para sempre ou lhe arrebatará a vida.

— Ai, a água está tão fria... E ele retorquiu imediatamente, com um sorriso amoroso e olhos de carneiro mal morto: — Fria?! Com um coração tão quente? \* \* \*

Há dias, numa conversa, dizia-nos um amigo: — Vocês sabem a última novidade: Qual é a coisa qual é ela, que anda sempre sossegada, e faz tudo pela calada?

Francamente, nós não sabemos, mas deixamos a resolução ao espírito arguto dos nossos leitores.

Os 2 Repórteres e um Fotógrafo

O Problema do Trânsito em Vila Real de S. António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) crever, com a devida vénia, algumas passagens de um artigo há tempo publicado no jornal «Os Transportes»:

1.º — Os carros de preço médio de 1941 tinham uma potência de 115 cavalos, com a velocidade máxima de 145 quilómetros horários. Os mesmos carros têm hoje a potência de 250 cavalos, com a velocidade máxima de 170 quilómetros, assim se verificando que, embora a potência tenha aumentado para mais do dobro, a velocidade sofreu apenas um pequeno aumento.

2.º — A potência não é o factor mais importante para determinar a velocidade máxima de um carro, porquanto a velocidade poderia ser aumentada muito mais facilmente pela multiplicação da caixa de velocidades.

3.º — A introdução das mudan-

JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) gos a publicar em vários jornais, incluindo o nosso.

Conhecedores, desde há longos anos, das qualidades de inteligência, fino espírito de observação e honestidade de processos jornalísticos que caracterizam José dos Santos Marques, é com verdadeiro interesse que aguardamos as suas impressões sobre o que viu e observou no País vizinho. E, estamos certos, os nossos leitores aguardarão as suas crónicas com o mesmíssimo interesse, pois, além de jornalista distinto, servindo desinteressada e desnodadamente todas as causas nobres, José dos Santos Marques é um velho amigo da nossa terra, que muito estima e admira — e que há longos anos, também, desde os tempos, que já se nos afiguram remotos, de «Ecos do Sul», vem servindo com muita dedicação e incontestável brilho.

EVOCANDO FIALHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

camos, Fialho é, sem dúvida, um desses homens que ilude todas as nossas expectativas e se solta dos caixilhos do quadro onde o pretendemos encerrar. Mas não vejamos na nossa afirmação a implicita impotência ou a estultícia de negarmos a possibilidade do conhecimento duma personalidade, dum carácter que, aliás, se define a cada passo nas páginas da sua obra. Panfletário foi-o, na verdade, mas um panfletário sui generis, de cepa bem portuguesa, evivado dos defeitos, crivado das mazelas que mar-

cam não um tipo, não um temperamento isolado, mas que se radica e consubstancia num povo inteiro. E assim, na minha opinião, recusei-me sempre a ver força nos escritos de Fialho, a força que alenta e arrasta os homens a cometimentos dignos; ao invés, inclinei-me sempre em reconhecer em Fialho um homem desorientado, um fraco, um ressentido que, não possuindo melhores armas de combate, vinha para a arena da sociedade a soltar gritos um tanto destrambelhados, a vituperar uma sociedade que apenas lhe de-

ra motivos de sofrimento e de revolta.

Claro, temos de aceitar as pessoas tal como são, tal como nasceram e o meio as modelou e não é nossa intenção apresentar um Fialho ao nosso belo prazer, idealizado ao sabor da nossa imaginação. E porque o autor dos Galos foi um homem da sua época, apegado demasiado ao seu tempo, aí o temos, de corpo inteiro, o coração azedo, a boca a sangrar a fel, a insidia e a perversidade a queimar-lhe os lábios, tudo isso a não desmentir um ser «timido por natureza», marcado desde a infância com o azorrague da desdida e denunciando «uma aparência aparentemente submissa e tímida de orgulho» a não negarem o homem bom que jazia oculto nas exterioridades e nas simples impressões.

Pobre Fialho! De vez em quando esquecia-se do combate duro da existência, e recolhido, longe das resacas que batiam os batéis apodrecidos duma sociedade ainda mais apodrecida, ainda tinha ocasião de cerzir, como raros o fizeram, essas pequenas histórias maravilhosas, esses contos de gente humilde, maltezes, «ratinhos», costureiras românticas, raparigas que devoravam pétalas, labregos que amavam, vidas apagadas e tristes que ele transportou para a literatura e se oferecem ainda nos seus livros com uma frescura e uma naturalidade que o tempo não conseguiu estiolar.

Pobre Fialho! Nestes dias que por obrigação ou piedade, se lembraram que há cem anos, em Vila de Frades, lá para o Alentejo, nasceu um rapazito que mais tarde se tornou grande neste bazar de vaidades das letras, alguém manifestou a ideia um tanto esquisita da ressurreição dum arruaceiro como o dos Galos, um desses temíveis arruaceiros prontos a desferir a sua ira e ódio sobre uma sociedade que pouco evoluiu. E ninguém se lembrou, ninguém lhe correu, que essas atitudes, esses gritos apocalípticos na boca de Fialho, eram provocados por dores e sofrimentos que o orgulho se negava a confessar. Não; o preço era demasiado alto; melhor seria para Fialho e para os escritores de hoje, mesmo que lhes fosse possível usarem de tais métodos, encontrarem na vida as condições de excercerem a sua vocação sem levarem para as suas obras o veneno que corroi os corações e abandalha um trabalho que se exige digno e calmo.

E é minha convicção que se Fialho tivesse vivido uma existência normal, se o destino desse homem tivesse sido outro, a sua obra ganharia mais em projecção e humanidade; perderíamos, assim, muitas das páginas verrinosas que não honram o autor, mas profeitosamente lucrariam com as belas produções que a vida traiçoeiramente não lhe deixou escrever.

Esta semana registamos com prazer os nomes de novos assinantes, aos quais agradecemos reconhecidamente: Srs. dr. Manuel Mendes Inácio; Manuel Rodrigues Martins; D. Maria M. Cavaco Pereira; Arquitecto Manuel Gomes da Costa; João Campina e Viriato de Vasconcelos.

Outra disposição que não está bem é o estacionamento das camionetas de passageiros no lado oposto ao da Agência, onde se vendem os bilhetes, pesam mercadorias e está a sala de espera. Para tomarem os lugares nas viaturas, têm os passageiros de atravessar a Avenida, que com o movimento que cada vez mais se acentua, já por vezes tem dado origem a desastres, sem consequências.

Urge tomar providências, dando resolução a um problema que, em todas as terras, muitas delas com menos movimento do que a nossa, já deram a devida atenção.

A. de Mendonça

Novos assinantes

Esta semana registamos com prazer os nomes de novos assinantes, aos quais agradecemos reconhecidamente:

Srs. dr. Manuel Mendes Inácio; Manuel Rodrigues Martins; D. Maria M. Cavaco Pereira; Arquitecto Manuel Gomes da Costa; João Campina e Viriato de Vasconcelos.

Anúncio neste jornal de grande expansão em todo o País.